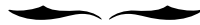


A PREGAÇÃO CRISTÃ



1. A NATUREZA DA PREGAÇÃO CRISTÃ

Em função de tal importância da pregação cristã, é necessário que compreendamos sua natureza. O que é a pregação cristã?

No Novo Testamento, pregar é proclamar as boas novas. É o ato de compartilhar com outras pessoas a mensagem recebida de Deus .

A pregação tem sido definida de várias maneiras. Henry Ward Beecher a chamou de “a arte de conduzir os homens de uma vida mais baixa a outra mais elevada”.¹ David Smith entendia a pregação em termos de “encarnação”. Ele disse: “O espírito de um homem é estimulado pelo sopro celestial, e ele sopra sobre outros, e assim o espírito destes também é estimulado”.² Talvez a definição clássica de pregação venha de Phillips Brooks: “Pregar é a comunicação da verdade por um homem a outros homens”. “Pregar é trazer a verdade por meio da personalidade.”³ Essas duas afirmações foram mescladas e a pregação tem sido definida como a comunicação da verdade por meio da personalidade.

1 BEECHER, Henry Ward. *Lectures on preaching*. First Series. New York, Fords, Howard & Humbert, 1900). p. 29.

2 SMITH, David. *The art of preaching*. London, Hodder & Stoughton, 1924. pp. 14-15.

3 BROOKS, Phillips. *Lectures on preaching*. New York, E.P. Dutton & Co., 1907. p. 5.

Muitas definições posteriores foram moldadas a partir dos conceitos de Brooks. Por exemplo, T. H. Pattison escreveu: “Pregar é a comunicação verbal da verdade divina com o propósito de persuadir”.⁴ Henry Sloan Coffin chegou basicamente ao mesmo conceito. Para ele, “a pregação é a verdade por meio da personalidade, que visa a constranger imediatamente a consciência”.⁵ A. W. Blackwood fez a seguinte modificação da definição de Brooks: “A pregação é a verdade divina proclamada por uma personalidade escolhida para satisfazer a necessidade humana”.⁶

Definições posteriores se estruturaram sobre essas definições. Foram feitas modificações nos campos da mensagem bíblica e nos objetivos da pregação. Von Allmen declarou: “Deus não apenas é o objeto, como também a verdadeira fonte da pregação cristã. Portanto, pregar é falar por Deus em vez de falar sobre Deus”.⁷ J. Daniel Baumann enfatizou o principal propósito da pregação: “Pregar é a comunicação da verdade bíblica por meio de um homem a outros homens, com o propósito explícito de induzir à mudança de comportamento”.⁸

A pregação cristã poderia ser definida da seguinte maneira: *Pregar é proclamar a mensagem de Deus, por meio de uma personalidade escolhida, para atender às necessidades da humanidade.* Essa definição apresenta três elementos básicos da pregação: a mensagem de Deus, a personalidade ou pregador escolhido, e as necessidades dos seres humanos.

2. O LUGAR CENTRAL DA PREGAÇÃO

Independentemente de como a pregação possa ser entendida, ela teve um lugar central na vida da igreja. No ministério de Jesus, pregar era algo de enorme importância. Embora se sentisse grandemente tentado a dar primazia a outros métodos para aproximar-se do mundo, ele “veio pregando”. Na sinagoga, em Nazaré, ele descreveu a si mesmo como tendo sido divinamente ordenado a “evangelizar aos pobres [...] proclamar libertação

4 PATTISON, T. H. *The making of the sermon*. Philadelphia, American Baptist Publishing Society, 1898. p. 3.

5 COFFIN, H. S. *What to preach*. New York, George H. Doran Co., 1926. p. 157.

6 BLACKWOOD, A. W. *The fine art of preaching*. New York, Macmillan Co., 1937. p. 3.

7 VON ALLMEN, J. J. *Preaching and congregations*. London, Lutterworth Press, 1962. p. 7.

8 BAUMANN, J. Daniel. *An introduction to contemporary preaching*. Grand Rapids, Baker Book House, 1972. p. 13.

aos cativos [...] e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4.18-19). E todos os evangelhos trazem retratos inesquecíveis do Pregador itinerante, nas sinagogas, nas montanhas, à beira-mar, indo de aldeia em aldeia, arrastando atrás de si multidões incrivelmente grandes, e surpreendendo as pessoas com suas palavras de graça e com a autoridade de seu ensino. Escrevendo muitos anos depois, João lembra vividamente a pregação de seu Senhor no templo, durante uma das grandes festas. Referindo-se a um determinado dia, ele relatou que “Jesus [...] ensinava no templo [...]”; e em outro ponto, o último dia da festa, diz que “levantou-se Jesus e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (Jo 7.28, 37). Sua pregação era um clamor, urgente em sua compaixão e imperioso em sua urgência.

O fato de o ministério oral de Jesus ser mais frequentemente chamado de ensino do que pregação, algo tantas vezes mencionado pelos educadores modernos, tem sido facilmente mal interpretado e tomado como base de distinções errôneas. O termo geral para pregação, no Novo Testamento, é κηρύσσειν, que significa proclamar ou anunciar. Uma outra palavra, εὐαγγελίζεσθαι, enfatiza a natureza da mensagem proclamada como boa nova. Uma terceira palavra, διδάσκειν, é usada para indicar o propósito de comunicar aos homens a verdade divina e instruí-los na justiça. Essa última palavra é aplicada a outros métodos de instrução, mas é usada livremente como pregação às multidões. Jesus pregou (ἔδίδασκε), por exemplo, o Sermão do Monte. Ao proclamar as boas novas do Reino de Deus, ele foi adiante e mostrou sua relação com a Escritura e a história, com o propósito moral e a conduta social, e com o destino da humanidade. Em um discurso ele proclamava, evangelizava e ensinava. A distinção adequada não é entre pregar e ensinar, mas entre a ênfase evangelística e didática e o elemento de pregação; e mesmo essa distinção não é absoluta. A pregação, no sentido e propósito de Jesus, incluía todos os elementos calculados para estimular a mente em todas as suas funções e levar as pessoas a ver, sentir, avaliar e tomar decisões morais.

Portanto, nosso Senhor pregava. E para a missão de seus apóstolos, depois da sua partida, ele deixou a mesma estratégia.⁹ A pregação era um propósito declarado para os discípulos quando foram escolhidos. E, no final de seu

⁹ Marcos 3.14ss, 16.15; Mateus 18.18-20.

ministério ele proclamou a Grande Comissão que, de acordo com Marcos, era uma simples ordem a que fossem por toda parte pregando o evangelho. De acordo com Mateus, o propósito era triplo: fazer discípulos, levar à confissão pelo batismo e instruir na vida cristã de acordo com seus mandamentos. No livro de Atos e nas epístolas do Novo Testamento, bem como na força da igreja no final do período apostólico, podem-se encontrar o registro e a influência de sua pregação.

No poder do mesmo Espírito, eles e os que vieram depois enfrentaram o mundo pagão com a mensagem da salvação (κήρυγμα) e a teologia e ética (διδασχῆ) que durante três séculos fizeram do cristianismo a principal religião no Império Romano. E nos séculos desde aqueles primeiros triunfos do evangelho, a qualidade da pregação e o espírito e vida da Igreja avançaram ou declinaram juntos. Se a pregação — que nunca esteve totalmente livre das pressões dos movimentos mundiais — fraquejou frequentemente nos períodos de crise espiritual, ela sempre conduziu os períodos de despertamento. A verdade é que em todas as eras nunca houve movimento religioso, restauração da verdade bíblica ou reanimação da genuína piedade sem um novo poder na pregação. P. T. Forsyth teve grande discernimento quando declarou: “Com a pregação o cristianismo permanece de pé ou cai, porque ela é a declaração do evangelho”.¹⁰

3. A CONCORRÊNCIA COM A PREGAÇÃO

O lugar central da pregação como meio indicado por Deus para a divulgação da boa nova da salvação é constantemente desafiado. Alguma concorrência acontece fora da igreja, e alguma dentro dela, até mesmo entre alguns pregadores.

Um exemplo disso é que muitos outros métodos de comunicação da verdade se multiplicaram e refinaram grandemente. O grande aumento e a disponibilidade de livros, revistas e jornais, o alcance do rádio, o apelo dos filmes, a disponibilidade instantânea da televisão parecem, a muitos, depreciar a pregação. Eles são de fato um desafio à inteligência, ao frescor, à relevância e à realidade da pregação. Devem ser utilizados para a finalidade

¹⁰ FORSYTH, P.T. *Positive preaching and the modern mind*. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans, 1964. p. 5.

da pregação, mas não podem substituí-la. Os estúdios de televisão têm seus auditórios, e multidões acorrem para assistir aos apresentadores; a aparência dos atores atrai um público maior do que o filme em si; o espetáculo televisivo não eliminou o desejo dos telespectadores de ver o ator frente a frente; a transmissão de óperas pelo rádio não fechou o Metropolitan Opera House de Nova York, antes o divulgou. A abundância de discursos e literatura não requer a moratória da pregação, mas entusiasmo renovado, maior capacidade e força espiritual.

Em *The Urgency of Preaching* [*A urgência da pregação*] Kyle Haselden captou a essência do método de comunicação de Deus:

A palavra falada [...] é um instrumento especialmente adequado à promulgação do evangelho; ela é a forma pela qual uma mensagem urgente flui mais naturalmente. No que concerne à tradição, foi esta a experiência das missões, da profecia e do evangelismo ao longo da história bíblica. Quando Deus falava aos homens ele às vezes usava um escritor, mas muito mais frequentemente usava um orador: Amós, Jonas, Jeremias, Ezequiel. Pelo menos em quantidade, a Bíblia dá preferência ao “ide, contai”, sobre o “escrevei e enviai”.¹¹

A voz viva jamais será suplantada enquanto for voz, e não um eco.

Além disso, as outras obrigações do ministro podem interferir com a primazia da pregação. O ministro cristão não é apenas pregador; é também mestre, pastor, administrador, conselheiro, servo da comunidade e talvez outras coisas mais. Essa multiplicidade de funções pode levar a uma séria negligência da pregação. Essas várias tarefas também são importantes, mas devem ter papel secundário.

Quando os primeiros apóstolos perceberam essa tensão entre as tarefas, eles decidiram: “Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas” (At 6.2). Aqueles primeiros pregadores solicitaram ajuda nas outras funções, delegaram responsabilidades e resolveram: “E, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra” (At 6.4). Porque os apóstolos deram prioridade à proclamação, “crescia a palavra de Deus e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos” (At 6.7).

11 HASELDEN, Kyle. *The urgency of preaching*. New York, Harper & Row, 1963. pp.28-29.

Ainda outro desafio à centralidade da pregação pode vir de dentro do ministro. Ele pode perder a fé na pregação. Não a vê como “um evento por meio do qual Deus age”.¹² Não espera que grandes mudanças de vida aconteçam em consequência de sua pregação. Muitos ministros passaram a crer que os únicos comprometimentos registrados publicamente são aqueles que ocorreram em particular. O culto de adoração não seria um lugar para se tomar decisões, mas apenas para registrá-las. Para esses homens, a alegre expectativa desvinculou-se da pregação.

No entanto, quando a palavra de Deus é proclamada, ela tem seu próprio poder intrínseco, pois “a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). A fé na pregação será recompensada, pois o evangelho ainda é o poder de Deus para a salvação.

4. A NECESSIDADE DE UMA PREGAÇÃO EFETIVA

Daí que a pregação é sempre uma necessidade, pois está inseparavelmente associada à vida da Igreja. Foi a proclamação das boas novas que deu à luz a Igreja. Somente a mesma proclamação pode manter a vida dentro dela. O registro da história cristã tem sido de que a força da Igreja está diretamente relacionada à força do púlpito. Sempre que a mensagem do púlpito foi incerta e vacilante, a Igreja esteve fraca; e sempre que o púlpito apresentou uma mensagem positiva, declarativa, a Igreja foi forte. A necessidade de uma pregação efetiva nunca foi tão grande.

Portanto, a própria natureza da fé cristã exige uma pregação efetiva. Pregar é essencial ao cristianismo. O cristianismo começou pela proclamação de um evento. Deus entrou na história humana por meio de Jesus Cristo. Cristo veio à terra e “armou sua tenda” entre os homens. Ele morreu, ressuscitou e ascendeu aos céus. Algo maravilhoso havia acontecido e as pessoas se sentiram compelidas a falar a respeito. Elimine esse testemunho e o cristianismo morre. A essência do cristianismo é a pregação.¹³

Além disso, quando proclama esses poderosos atos de Deus em Cristo, o pregador fala como se o próprio Deus pudesse dizer estas coisas. P. T.

12 VON ALLMEN, op. cit. p. 7.

13 FARMER, Herbert. *The servant of the word*. New York, Charles Scribner's Sons, 1942. pp. 18-20.

Forsyth sustentava que a pregação “é o Evangelho se prolongando e se declarando”.¹⁴ Robert H. Mounce teve o mesmo discernimento quando afirmou: “A verdadeira pregação é um evento que efetivamente comunica o poder e a ação redentora de Deus”.¹⁵ Em outras palavras, quando os atos de redenção de Deus em Cristo são proclamados, o próprio Cristo está presente para agir redentoramente. Por meio da proclamação, Cristo está presente para libertar a humanidade do pecado.

A pregação efetiva também é necessária hoje por causa dos outros “evangelhos” proclamados na atualidade. O Evangelho cristão é apenas um entre muitos. Milhares de vozes gritam para serem ouvidas. Essas vozes têm suas próprias mensagens e promessas. Em meio à confusão, o verdadeiro Evangelho deve ser comunicado de maneira clara e atraente. A verdadeira mensagem deve ser declarada de um modo tal que o homem comum sinta-se disposto a ouvi-la. A pregação merece o mais alto destaque porque continua sendo o principal instrumento de Deus para alcançar o mundo perdido. “E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo” (Rm 10.17).

¹⁴ FORSYTH, op. cit. p. 5.

¹⁵ MOUNCE, Robert H. *The essential nature of New Testament preaching*. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans, 1960. p. 155.